

f p 25

# Da velhice com rabeça

19 AGO 2005

## CORREIO BRAZILIENSE



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB,  
foi presidente da República

Muito se tem falado em política e valores morais nestes últimos meses. Este é um tema permanente na atividade pública. Alceu Amoroso Lima, no prefácio que escreveu para *O Homem e o Estado*, estudos coordenados por Alejandro Bugallo, disse que a política não é uma solução total do destino humano, mas “uma condição para essa solução”, acrescentando na citação de Walter Lippman que “o homem é um animal ingovernável”.

Em cada momento, em cada tempo, em cada século, em cada ano, na experiência mesmo do espaço de nossas vidas, vamos sedimentando idéias, conceitos, práticas e caminhos de encontrar e resolver a situação do mundo, a começar por nossas cidades, por estados, países, continentes.

A longa vida nos faz, com os anos, saber que o que pensamos já foi pensado e que as nossas soluções já foram testadas e, mais ainda, que o tempo que vivemos, em

algum momento, já foi vivido. Daí porque a velhice traz um pouco de contemplação e de compreensão.

Bobbio — de quem outro dia o senador Jefferson Perez me recordou seu livro sobre a tranquilidade — *O elogio da Serenidade e outros Escritos Morais* —, escreveu outro sobre a senectude, aqui traduzido como *O tempo da Memória*. Ali ele diz que a velhice é um tema não acadêmico. “Falo como velho e não como professor.” A experiência vivida, que sempre preocupou os pensadores na linha memorável de Cícero, que abriu caminho e escreveu o mais profundo livro sobre o assunto, *De Senectute*, nos ensina a não achar, em momentos de dificuldades, que o mundo vai acabar.

Sou tentado a falar também de velhice e amor. Não sei quem me disse que o amor é uma coisa tão eterna que devia ser descoberto somente na velhice, para morrer conosco, e não atributo da juventude, que o torna passageiro. Gabriel Garcia Márquez escreveu um livro bellissimo sobre o amor dos velhos, *Amor nos Tempos do Cólera*, aquele romance que corre belo nas águas do Rio Madalena. Por sinal, também, escreveu um dos piores livros sobre o tema, *Memórias de Minhas Putas Tristes*, livro de circunstância que não está a altura do seu gênio. O nosso Gabo não

soube como terminar o livro e perdeu-se.

A velhice traz o domínio da tranquilidade e da serenidade. A política é sempre um mundo de paixões. Daí ser difícil, aos vividos, perder a cabeça na paixão da política. Talvez não seja tanto nas questões do amor.

Rui Barbosa — e hoje estou citando demais — separa política de politicalha. São diferentes. A política, a arte de gerir o Estado, é definida por princípios morais. “A politicalha é a indústria de explorar, nela, interesses pessoais.”

Ontem, vimos o quanto é nocivo transferir para a sociedade a luta política. Um dia, os estudantes dizem *sim*, outro dia dizem *não*. Como na Argentina, com o atraso de cinco anos, ouve-se o grito “Fora todos!”, “Congresso, partidos, deputados, todos!” Na Argentina, também, esse era o grito: “¡Que se vayan todos!”

Mas em meio a tudo isso é necessário manter a serenidade, compreender que tudo passa. Se todos vamos, os que protestam também. É a tal política de multidão, podemos dizer da cólera, antítese da política do bom senso.

Repetir, assim e assado, o provérbio nordestino, por mim tantas vezes citado e que acho muito bom e próprio para muitas horas: “Com grito não se afina rabeça.”